



Qualis A3 ISSN: 2178-2008

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [DOAJ](#)

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



A Teoria das Formas de Governo em Políbio

The Theory of Forms of Government in Polybius

12/04/2024 | Aceito: 18/06/2024 | Publicado *on-line*: 20/06/2024

Gustavo Javier Castro¹

<https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>

<http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Alejandro Gabriel Olivieri²

<https://orcid.org/0000-0002-7398-7905>

<http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com

Lourivânia de Lacerda Castro³

<https://orcid.org/0000-0002-1331-563X>

<http://lattes.cnpq.br/2753561242350807>

Centro Universitário UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: lourivania.lacerda@institutoprocessus.com.br



Resumo:

O objetivo do artigo é analisar a teoria das formas de governo em Políbio, mostrando sua originalidade, se comparada com as teorias de Platão e Aristóteles. Descrevem-se as três teses de Políbio na sua teoria das formas de governo, mostrando o valor positivo dado à democracia em detrimento da *oclocracia*. Por último, examinam-se a teoria da *anacliclose* (visão cíclica das formas de governo), os critérios usados para distinguir as formas boas das formas más de governo e a sua defesa do governo misto.

Palavras-chave: Políbio. Formas de governo. Governo misto. Oclicracia.

Abstract:

The aim of the article is to analyze Polybius' theory of forms of government, highlighting its originality compared to the theories of Plato and Aristotle. It outlines the three theses of Polybius in his theory of forms of government, emphasizing the positive value attributed to democracy over ochlocracy. Finally, it examines the theory of anacyclosis (the cyclical view of forms of government), the criteria used to distinguish good forms of government from bad ones, and his defense of mixed government.

Keywords: Polybius. Forms of government. Mixed government. Ochlocracy.

¹ Possui graduação em Filosofia - Pontifícia Universidad Católica de Valparaiso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008).

² Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília? UNB (2009), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina? UFSC (1995), Bacharel em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires? UBA (1985).

³ Mestre em Direito- LL.M.EUR European Legal Practice/ Joint Degree pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2009), especialista em Direito Público pelas Faculdades Integradas do Planalto Central (2011) e Direito Previdenciário pelo Instituto Nacional de Ensino Superior e Pesquisa (2016). Advogada e professora das disciplinas Direito Administrativo e Introdução ao Estudo do Direito.

1. Introdução

No início do artigo fazemos uma rápida menção a alguns aspectos relevantes da vida do Políbio que se relacionam diretamente com sua filosofia política e sua teoria da história, salientando que é um dos primeiros historiadores a encarar a história como uma *sequência lógica de causas e efeitos*.

A continuação, analisamos a razão pela qual para Políbio existe uma relação intrínseca entre o sucesso de uma sociedade e sua constituição política e que a *estrutura constitucional* de uma sociedade determina seu sucesso ou fracasso.

A seguir, enumeramos e descrevemos sucintamente as três teses de Políbio na sua teoria das formas de governo, mostrando o valor positivo dado à democracia em detrimento da *olocracia*, ao diferenciar conceitualmente a noção de “povo” e da de “massa”.

Analisamos também o que Políbio chama de *teoria da anaciclose* (visão *cíclica* das formas de governo) e a sua defesa do *governo misto*, uma *síntese* das três formas boas de governo (monarquia, aristocracia e democracia), o qual não é uma solução definitiva, mas uma forma de *atrasar o processo de degeneração*.

Por último, apresentamos os critérios usados por Políbio para distinguir as formas boas das formas más de governo e a sua perspectiva naturalista da história.

2. Quem foi Políbio: aspectos gerais da sua vida relevantes para sua teoria

Políbio (no original grego, *Polybius*) foi um geógrafo e historiador grego, famoso pela sua obra *Histórias*, (Políbio, 2016) cobrindo a história do mundo Mediterrâneo no período de 220 a.C. a 146 a.C. Ele fazia parte da nobreza da sua cidade natal. Ingressou aí na actividade política, devotando-se à defesa da independência da Liga da Aqueia. Chegou a ser eleito “hiparco” (comandante de cavalaria) do exército federal da Liga, e encaminhava-se para uma brilhante carreira política que foi subitamente interrompida.

Quando da Terceira Guerra da Macedónia (171 a.C. - 168 a.C.), que opôs Roma a Perseu da Macedónia, Políbio liderou a defesa da neutralidade da Aqueia naquele conflito. Contudo, não conseguiu conquistar a confiança romana, o que derrotou as intenções de neutralidade da Liga. Em consequência, os romanos decidiram levar mil nobres da Aqueia como reféns para Roma em 167 a.C., forçando-os a permanecer no exílio durante 17 anos. Dentre eles, encontrava-se Políbio. Sendo um homem culto, em Roma teve a oportunidade de ser preceptor do jovem Cipião Africano, futuro herói da Terceira Guerra Púnica, estabelecendo laços que os ligariam durante toda a vida.

Apesar de em 150 a.C. ter obtido, por intercessão de Cipião, a possibilidade de regressar à Aqueia, parece ter previsto o choque inevitável das pretensões de independência da Liga e dos desejos romanos de submissão incondicional, e decidiu acompanhar Cipião, como conselheiro informal, nas suas campanhas na Numância e na guerra contra Cartago. Assim, presenciou a destruição de Cartago, legando à posteridade um relato presencial desses acontecimentos.

Alguns anos depois voltou a Roma, tendo-se dedicado aos seus trabalhos históricos, os quais, a proximidade à elite governante de Roma e a sua cultura, fizeram de Políbio um observador privilegiado da política e cultura romanas. No âmbito desses trabalhos, empreendeu diversas viagens, procurando observar em primeira mão os lugares e os cenários dos eventos que descrevia na sua *História*. Procurando obter rigor na descrição histórica, entrevistou veteranos das guerras que descreveu, procurando obter informação presencial dos eventos mais recentes. Através da sua influência em Roma, obteve acesso privilegiado aos arquivos públicos, tendo

cuidadosamente compulsado as fontes documentais existentes. Após a morte de Cipião, retornou à Grécia, onde faleceu aos 82 anos na sequência de ter caído de um cavalo.⁴

De acordo com a tradição grega de valorizar o testemunho contemporâneo e a história recente, Políbio narra nos seus escritos preferencialmente os acontecimentos da sua própria geração e da imediatamente anterior. É um dos primeiros historiadores a encarar a história como uma *sequência lógica de causas e efeitos*. A sua obra baseia-se numa cuidadosa análise crítica das fontes existentes e da tradição, descrevendo com vivacidade tanto os acontecimentos, como as motivações e valores subjacentes, tendo como objetivo central uma visão global dos acontecimentos e não uma simples cronologia de fatos.

A sua obra, da qual só se conhece uma parte até hoje, é considerada como sendo objetiva e fundada numa sólida análise das fontes, o que o coloca a par de Tucídides, também historiador grego, em termos de “cientificidade” na análise dos fatos históricos. Infelizmente, seu estilo é prolixo e incolor (o que muito prejudicou para a preservação da sua obra). Além do mais, como, aliás, seria de esperar, a sua descrição dos acontecimentos nem sempre é neutra, sendo claro o seu esforço no sentido de justificar as suas ações e as das que lhe estavam mais próximos, por vezes em detrimento de outros. Sua hostilidade em relação aos inimigos gregos da Liga Aquéia, como a Liga Etólia e o tirano “populista” de Esparta, Nábis, é notória. Enfim, a obra foi escrita com o objetivo de explicar aos gregos as razões da ascensão de Roma, procurando convencê-los da inevitabilidade da aceitação do domínio romano, ganhando, assim, em algumas passagens um excessivo tom apologético.⁵

3.A Teoria Política de Políbio

Para desenvolver uma reflexão sobre a teoria política de Políbio, formularemos algumas questões que nortearão este artigo.

1. Qual é, segundo Políbio, a importância da Constituição para uma sociedade.
2. Identificar e explicar as três teses de Políbio sobre teoria das formas de governo.
3. Explicar o conceito de *anaciclose*
4. Qual é o critério usado por Políbio para distinguir as formas boas das formas más de governo e qual o motivo que permite afirmar que Políbio tem uma perspectiva naturalista da história
5. Explicar o conceito de governo misto e mostrar que não existe contradição entre a teoria dos ciclos e a teoria do governo misto
6. Por que Políbio considera a constituição romana uma constituição excelente

3.1. Qual é a importância da Constituição para uma sociedade

Para Políbio existe uma relação intrínseca entre o sucesso de uma sociedade e sua constituição política. Assim, ele via na Constituição romana um modelo ideal, atribuindo a ela o êxito de Roma como potência. Políbio argumentava que a *estrutura constitucional* de uma sociedade determina seu sucesso ou fracasso. Essa ideia teve

⁴ Os trabalhos de Políbio tiveram grande influência sobre diversos pensadores e políticos, nomeadamente Cícero e Montesquieu, e serviram de fonte a múltiplos historiadores posteriores, entre os quais Tito Lívio.

⁵ Gostaríamos de reforçar a importância de consultar sempre as biografias dos autores, isto porque, como é necessário enfatizar, o ser humano é histórico e se constrói na cultura e na época em que vive. Nenhum pensador formula suas ideias a partir do vazio, e isso se aplica também aos grandes nomes da história, como é o caso do Políbio.

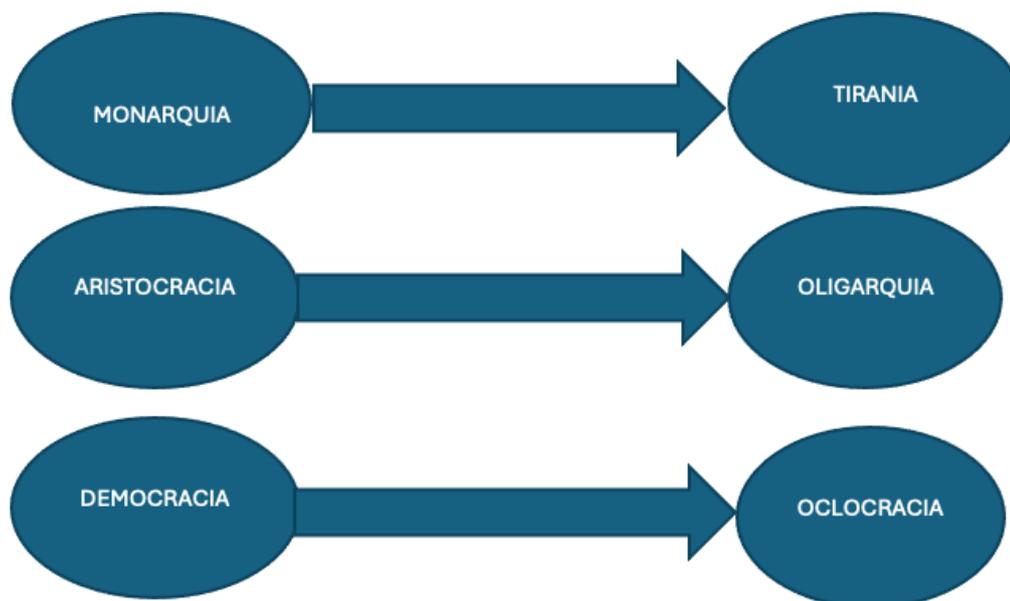
desdobramentos importantes na filosofia política posterior, influenciando autores como Montesquieu, que adaptou e refinou essa visão no século XVIII. "Deve-se considerar a constituição de um povo como a causa primordial do êxito ou do insucesso de todas as ações" (Políbio, VI, 2, 2016). No debate da filosofia política e a ciência política atuais sobre democracias liberais e democracias iliberais, aquilo que está no centro do debate é o respeito ou não da estrutura institucional e do arcabouço constitucional dos regimes democráticos. (Levitsky & Ziblatt, 2018; Sandel, 2021)

3.2. As três teses de Políbio sobre a teoria das formas de governo

a) Primeira tese: Existem, fundamentalmente, seis formas de governo, divididas entre três formas boas e três formas más. (Bobbio, 2000)

1. **Monarquia:** é a forma boa do governo de um só, que, quando se corrompe, transforma-se em **tiranía**, a forma má desse tipo de governo.
2. **Aristocracia:** é a forma boa do governo de poucos, que, ao se corromper, torna-se **oligarquia**, a forma má do governo de poucos.
3. **Democracia:** em Políbio, ao contrário de Platão e Aristóteles, possui uma conotação positiva como a forma boa do governo da maioria. Quando degenerada, transforma-se em **oclocracia**, um governo da massa desorganizada.

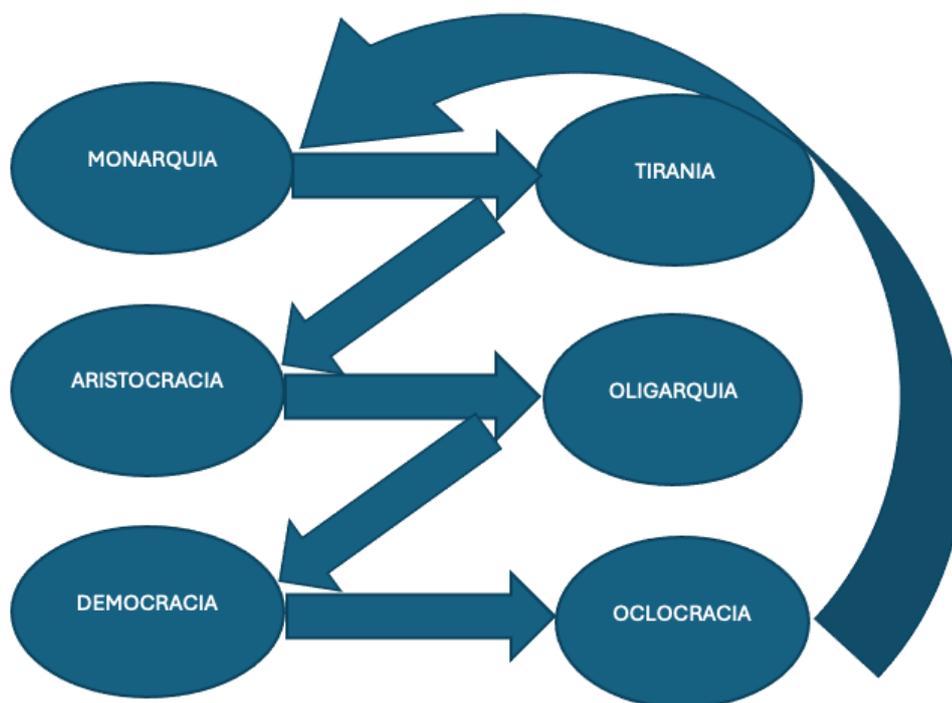
Políbio introduz o conceito de "*oclocracia*", derivado do grego *ochlos* (massa). A diferença entre *povo* e *massa* é central. Para Políbio, a *massa* é informe, inconsciente e possui uma conotação negativa, enquanto a *democracia* é o governo *legítimo* do povo. O esquema fica assim então:



b) Segunda tese: essas seis formas se sucedem umas às outras de acordo com determinado *ritmo*, constituindo assim um ciclo, repetido no tempo. Essas seis formas de governo sucedem-se umas às outras em um ciclo natural e inevitável, constituindo o que Políbio chama de *teoria da anaciclose* (ou ciclo das formas de governo).

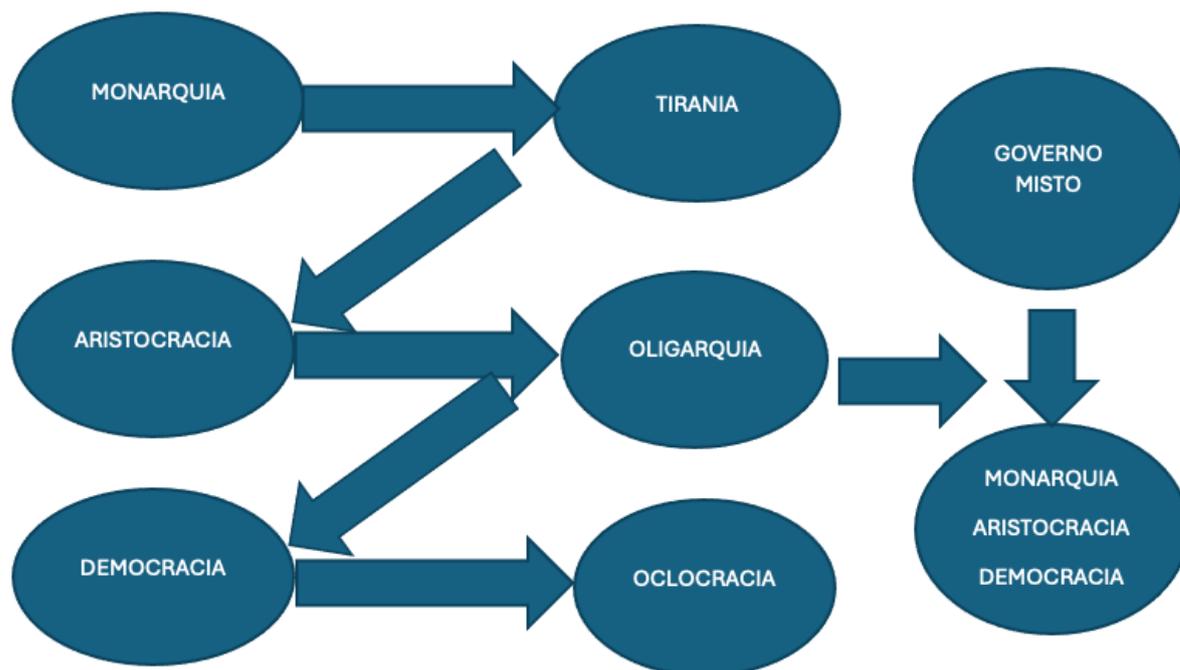
- A **monarquia** degenera em **tiranía**.
- A **aristocracia** surge como resposta à tirania, mas também se corrompe, dando lugar à **oligarquia**.
- Contra a oligarquia, o povo se insurge, estabelecendo a **democracia**.
- Contudo, a democracia, com o tempo, degenera em **oclocracia** (governo da massa).
- Em meio ao caos, emerge um líder que restaura a ordem, instaurando uma nova **monarquia**, reiniciando o ciclo.

Essa visão *cíclica* reflete a crença grega na eternidade do mundo e na ordem natural das coisas. Tudo nasce, atinge seu auge, degenera e retorna ao ponto de partida. Castro, Olivieri & Castro de Lacerda, (2023)



Terceira tese: além dessas seis formas tradicionais, há uma sétima - exemplificada pela constituição romana - que é, segundo Políbio, a melhor de todas enquanto síntese das três formas boas. Trata-se do **governo misto**, uma *síntese* das três formas boas (monarquia, aristocracia e democracia). O governo misto combina as virtudes de cada forma, ao *equilibrar* poder e legitimidade.

Políbio enfatiza que, além de sua funcionalidade, esse modelo evita a rápida degeneração característica das formas puras de governo, representando um avanço político significativo.



3.3. O conceito de “anaciclose”.

A teoria da **anaciclose** é baseada no conceito de *ciclo natural e necessário*. (Castro, Olivieri & Castro de Alencar, 2024a) Políbio acredita que todas as formas de governo possuem um “mal natural” intrínseco que inevitavelmente leva à sua corrupção e substituição.

Ele compara esse processo à ferrugem que consome o ferro ou às traças que destroem a madeira. Assim como esses materiais são corroídos por elementos inerentes à sua natureza, todas as formas políticas estão destinadas à decadência e à renovação cíclica. “Este é o rodízio das constituições: a lei natural segundo a qual as formas políticas se transformam, decaem e 'retornam ao ponto de partida'” (Políbio, História, VI, 10).

Embora à primeira vista essa visão pareça pessimista, Políbio também sugere que, em meio às crises, surgem novas oportunidades. Por pior que seja a situação, tempos melhores estão sempre no horizonte.

3.4.O critério usado por Políbio para distinguir as formas boas das formas más de governo e a sua perspectiva naturalista da história

Políbio adota dois critérios principais para diferenciar as formas boas das más:

1. **Base de governo:** governar pelo consenso (forma boa) ou pela força (forma má).

2. **Legalidade:** governos legais e fundamentados nas leis (forma boa) versus governos ilegais e arbitrários (forma má).

Então, um governante bom é aquele que busca o *consenso* e *age dentro da lei*, enquanto o mau governante recorre à violência, ignorando os limites legais. Temos que lembrar que desde Aristóteles permanece a ideia de que a *Polis* é um produto da natureza, assim como tudo o que existe. (Castro, Olivieri, Castro de Alencar, 2024b) Esta ideia profundamente grega é expressa por Políbio na seguinte citação.

"Da mesma forma como a ferrugem, que é um mal congênito do ferro, o caruncho e as traças, que são males (internos) da madeira, pelos quais um e outra são consumidos, ainda que escapem a todos os danos externos, assim também toda constituição apresenta um mal natural que lhe é inseparável: o despotismo com relação ao reino; a oligarquia com relação à aristocracia; o governo brutal e violento com respeito à democracia. Nessas formas, como já disse, é impossível que não se alterem com o tempo todas as constituições" (Políbio, História, VI, 10).

3.5. O conceito de governo misto

O *governo misto* combina os elementos positivos da monarquia, da aristocracia e da democracia, buscando um equilíbrio ideal. Essa combinação impede que o poder se concentre em um único grupo ou indivíduo, evitando a degeneração e garantindo estabilidade. "Está claro, de fato, que precisamos considerar ótima a constituição que reúne as características de todas as três formas" (POLÍBIO, História, VI, 3).

A tese de Políbio é que todas as constituições simples são más precisamente por serem simples. Mesmo as constituições retas — que já mencionamos, referindo-nos a todas, incluindo as boas — carregam em si um *fator interno de corrupção*, da mesma forma como o ferro contém a ferrugem.

Se isso fosse verdade, qual seria o remédio? O governo misto é uma tentativa de solucionar o problema natural e necessário da *anaciclose*, o ciclo de corrupção e degeneração inevitável de todas as formas de governo. Essa solução combina as três formas clássicas de governo. Qual a origem desta ideia? Políbio, um grego culto e integrante da elite, conhecia bem Aristóteles. Provavelmente influenciado por ele, Políbio tinha em mente a ideia de misturar formas de governo para realizar uma "engenharia constitucional" original, desenvolvendo assim a noção de que a melhor constituição combina as características positivas das três formas de governo: monárquico, aristocrático e democrático.

Políbio afirma que todas as formas de governo, inclusive as boas, eventualmente se corrompem. Assim, o governo misto não é uma solução definitiva, mas uma forma de *atrasar o processo de degeneração*. A diferença está no tempo: enquanto os governos simples se corrompem rapidamente, os mistos têm maior estabilidade e duram mais.

Porém, mesmo o governo misto sofre deslocamentos internos. Uma das três forças pode se tornar dominante, transformando o governo em um sistema simples — seja ele monárquico, aristocrático ou democrático. Quando isso acontece, o ciclo de corrupção continua, como em qualquer outra forma de governo. Portanto, a contradição entre as teorias dos ciclos e do governo misto é mais aparente do que real. O governo misto apenas prolonga a estabilidade, mas não é eterno.

3.6. Por que Políbio considera a constituição romana uma constituição excelente?

O governo misto é considerado ideal porque equilibra as forças políticas. Segundo Políbio, em Roma, o rei (ou cônsul) representava o princípio monárquico, o Senado, o aristocrático, e o povo, o democrático. Esse equilíbrio entre os poderes impedia que qualquer um deles se tornasse dominante, evitando os abusos característicos das formas simples. "Considerando-se o especial poder dos cônsules, o Estado parecia monárquico e real; considerando-se em particular o senado, parecia aristocrático; do ponto de vista do poder da multidão, parecia indubitavelmente democrático" (Políbio, História, VI, 12).

No governo misto o monarca (rei ou cônsul) é controlado pelo povo. O povo é controlado pelo Senado. O Senado, por sua vez, é a instituição aristocrática que representa os interesses das linhagens fundadoras de Roma, os patrícios.

Esse sistema cria um mecanismo de *controle mútuo*, onde o poder de uma força limita o excesso das outras duas. Políbio observou isso na Constituição Romana *republicana*, que combinava as três forças em harmonia.

Na Roma republicana os cônsules governavam territórios como monarcas, com poder semelhante ao de um rei. O Senado era composto por membros das famílias patrícias, sendo uma instituição profundamente aristocrática. Os tribunos da plebe: eleitos pelo povo, representavam a força democrática. Esse equilíbrio, segundo Políbio, foi a razão do sucesso inicial de Roma, permitindo que em apenas 50 anos ela se tornasse um império.

4. Bibliografia

ARISTÓTELES. **Uma Política**. Bauru, SP: EDIPRO, 1995.

BOBBIO, Norberto. **A Teoria das Formas de Governo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

CASTRO, Gustavo; OLIVIERI, Alejandro; CASTRO, Lourivânia. O Mundo Dicotômico de Platão como fundamento metafísico da sua teoria das Formas de Governo. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**, v. 9, jan.-jul. 2023.

CASTRO, GJ; OLIVIERI, AG; CASTRO, L. de L. A Teoria Política Platônica. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**, v. 12, 2024a.

CASTRO, GJ; OLIVIERI, AG; CASTRO, L. de L. O lugar da Política na Filosofia Política de Aristóteles. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**, v. 11, 2024b.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

POLÍBIO. **História Pragmática**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANDEL, Michael. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.